

News Paper

Informativo
Setorial ANDIPA



Nesta edição

Copagem retoma agenda com novo membro da Andipa

Página 4

Receita padroniza prazo de validade do Regpi

Página 5

Power of Print terá 4ª edição em dezembro

Página 7

Coluna Two Sides: Veja mito e fato sobre emissão de carbono no setor de papel

Página 18

Cenário continua exigindo planejamento e resiliência

Entre a oferta e a demanda, segmento de distribuição de papel tem a missão de aliar planejamento e capacidade de adaptação

Página 2

Exportação e importação de papéis

Levantamento traz dados do setor, com destaque para o aumento nas vendas externas de papel couchê

Páginas de 9 a 14

Expectativa de recuperação na indústria gráfica

Página 8

Especialista escreve sobre logística internacional

Página 3

EXPEDIENTE

NewsPaper Informativo Setorial ANDIPA é uma publicação da Associação Nacional dos Distribuidores de Papel (ANDIPA). Direitos autorais reservados. Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião da entidade. A reprodução é permitida desde que citada a fonte.

Contatos

(11) 3044-2214 - www.andipa.org.br
comunicacao@andipa.org.br
andipa@andipa.org.br

Presidente do Conselho Diretor

Vitor Paulo de Andrade

Diretoria

Antonio Manoel de Mattos Vieira Neto

Ítalo Aguiar Bezerra de Meneses

Marcelo Patury Accioly

Assistente Administrativo

Edna Souza

Conteúdo Editorial e Diagramação

Keser Serviços de Comunicação

Jornalista Responsável

Rosângela Valente (Mtb 121/MS)

Resiliente e estrategicamente adaptável

Como elo do meio da cadeia do papel, o segmento de distribuição absorve os impactos das realidades da produção e do consumo, da oferta e da demanda, do fabricante nacional e do estrangeiro. De todos os lados, os últimos anos foram de instabilidades, com uma espécie de desorganização persistente que vai gradativamente ganhando novos contornos. Com o fornecimento irregular, os estoques de papel diminuíram. O preço do frete internacional pressionou fortemente os mercados e agora começa a arrefecer.

A retomada das atividades e o reaquecimento da economia ganharam força no setor de papel com as encomendas para as eleições e a copa do mundo, concentradas no segundo semestre deste ano. Com os estoques em baixa, houve um esforço de reposição que se refletiu em maiores dificuldades para alguns tipos de papéis, que são dos mais usados na produção gráfica, como o cuchê e o ofsete. Para o último trimestre do ano, a expectativa era de acomodação com o redirecionamento para o mercado interno de parte dos volumes exportados.

Do lado da produção, o Brasil segue forte e entre os grandes do mercado de celulose e papel, matérias-primas para uma série de produtos. Naturalmente, o comportamento entre os segmentos é distinto e definido por inúmeras variáveis. Há um bom tempo, as notícias de jornais e revistas migraram majoritariamente das páginas impressas para as telas, e assim devem permanecer. Por outro lado, os livros em papel se consolidaram na preferência do leitor. No segmento de embalagens, o uso do papel é crescente. Em toda a cadeia da celulose e do papel, inovações e tecnologias resultam em novos produtos e aplicações, atraindo atenção e investimentos.

Olhando especialmente para a distribuição de papel, o cenário desafiador dos últimos anos colocou mais uma vez a prova nossa capacidade de resiliência e adaptabilidade. Seja como importador ou como canal de venda do fabricante nacional, o distribuidor fornece papéis com variedade e agilida-

de para as gráficas de todo o País. Aliando planejamento e capacidade de adaptação, podemos ampliar a oferta de nossa expertise na logística e na distribuição de produtos.

E cabe aqui registrar que, internamente, a Andipa passou por um período de mudanças administrativas e operacionais, com o desligamento do senhor Vicente Amato Sobrinho, a quem agradecemos o tempo e a dedicação nos dez anos em que foi o executivo da entidade. No segundo semestre deste ano, no auge dos seus 21 anos de atividades, a Associação alterou sua estrutura organizacional e suas rotinas operacionais, sem prejuízo dos seus objetivos, que seguem alinhados com propósitos elevados de boas práticas e valorização do segmento e de toda a cadeia do papel. Desta forma, contamos com maior envolvimento dos diretores e dos associados para seguirmos trabalhando com afinco em benefício do setor de distribuição de papel e dos interesses coletivos, em cooperação com as demais entidades setoriais.

Nos aproximamos do fim do ano, com a definição de quais são os eleitos para deputados estaduais, federais, senadores e para os cargos de governadores e presidente da República. Ficamos na expectativa de que as gestões públicas contribuam para o crescimento socioeconômico do Brasil e que os parlamentares da próxima legislatura votem a tão necessária reforma tributária.

Vamos seguir resilientes para superar e transformar períodos turbulentos em oportunidade para escrever novos e desafiadores capítulos na história individual e de nossa Andipa.

Vitor Paulo de Andrade
Presidente do Conselho Diretor



A logística internacional e o papel

Por Keller Amaral *

Muito se fala do novo normal que inevitavelmente tem sido construído ao longo destes anos difíceis e cheios de incertezas trazidos com a pandemia do Covid-19, mas ainda não sabemos ao certo como o mundo pós-pandemia será.

Repleto de alterações em hábitos de consumo, de relacionamento interpessoal e até na forma de fazer negócios, dentre outros fatores, o que se pode afirmar é que o mundo passou e ainda passa por mudanças profundas, dentre elas o caos no comércio exterior.

Alguns mercados foram fortemente prejudicados por conta do enorme e repentino aumento dos custos logísticos, principalmente de produtos de baixo valor agregado, o que é o caso do papel.

A crise do mercado de fretes se iniciou em meados de 2020, com a retomada das atividades, o que alavancou a demanda por mercadorias e insumos produtivos. Desde então, a capacidade de transporte ofertada nos portos e navios e, principalmente, a disponibilidade de containers têm sido insuficientes para reequilibrar o mercado, o que levou a um reajuste de até 472% no valor do frete internacional.

Para que possamos entender melhor o impacto do valor do frete no custo do papel, é preciso lembrar que, no início de 2020, o valor do frete internacional representava em torno de 25% do valor do produto e passou a representar mais de 60%. Não obstante ao aumento do custo do produto internacional, o mercado interno também reajustou seus preços com o aumento da demanda local. E, vale frisar que se trata de um mercado que não é autossuficiente.

Outro fator de interferência na decisão de compra do produto importado é o lead time entre a colocação do pedido junto à fábrica e a disponibilização do papel para a venda no Brasil, que pode chegar a quatro meses considerando uma carga embarcada da China, por exemplo. Neste período podem ocorrer alterações na taxa do dólar, na sistemática de importação e também no frete internacional, prejudicando assim qualquer planejamento, quer seja financeiro ou comercial.

Não existe uma receita certa, mas planejamento, conhecimento dos trâmites envolvidos e da sistemática alfandegária certamente irão contribuir para um processo com maior fluidez e eficácia. Para o mercado papelero que tem vivido um cenário de incertezas e sem perspectivas de reorganização da logística internacional, torna-se vital tentar reduzir o impacto do custo do frete através de melhoria nos controles logísticos das operações, buscando identificar medidas de otimização do processo, como registro antecipado da Declaração de Importação com a carga em águas, conforme previsto em legislação específica para papéis imune. Em tempos de greve da Receita Federal e do MAPA, com portos e armazéns lotados, é uma medida que pode garantir agilidade no recebimento do papel e economia na logística nacional.



Divulgação

* CEO da empresa Brasporto Logística e Assessoria Aduaneira

Andipa nomeia representante no Copagrem, que retoma agenda

O diretor Ítalo Aguiar Bezerra de Meneses foi nomeado para representar a Andipa nas reuniões plenárias do Comitê da Cadeia Produtiva de Papel, Gráfica e Embalagem (Copagrem) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Os integrantes do Comitê foram designados e reconduzidos para o exercício de 2022, por meio da Resolução da Presidência Fiesp nº 019/22, de 15.09.2022. Em 14 de outubro passado foi realizada a primeira reunião do Copagrem sob comando da nova diretoria da Fiesp, presidida por Josué Gomes da Silva, que assumiu em 1º de janeiro deste ano com gestão até 31 de dezembro de 2025.

A Andipa participa do Comitê desde sua reunião inaugural no dia 9 de abril de 2013, que contou com representantes de 20 associações e de 13 sindicatos do setor produtivo da indústria gráfica em âmbito nacional. Participar de um fórum tão qualificado e amplo é engrandecedor, como avaliou Ítalo Bezerra, que é representante da ABC Distribuidora na Andipa e membro do Conselho Diretor para a gestão 2022-2024.

Conforme definição própria, o Comitê tem como objetivo unir esforços e fortalecer os diversos setores que compõem esta cadeia produtiva, por meio de uma maior sinergia e desenvolvimento de ações estratégicas, tendo como consequência a melhoria do ambiente de negócios e o aumento de competitividade. Levi Ceregato, vice-presidente do Sindigraf-SP, segue como diretor titular do Copagrem, que fará sua segunda e última reunião do ano no dia 08 de dezembro de 2022.

Após a abertura do encontro de outubro, o Comitê contou com a participação do jurista Ives Gandra Martins, que é conselheiro do COSENP da Fiesp. Tratando do tema “A importância da Constituição de 1988 para o ambiente de negócios”, o jurista fez um relato histórico da criação da Constituição de 1988, passando brevemente por cada capítulo, com considerações relevantes em relação ao empreendedorismo.

O segundo palestrante do encontro foi Maurício Cazati Junior, membro do Copagrem e gerente executivo de Assuntos Tributários e Fiscais do Sindicato da Indústria de Papel, Celulose e Pasta de Madeira



Fotos: Divulgação

Acima, o jurista Ives Gandra ao lado do diretor do Copagrem, Levi Ceregato e de Sidney Anversa Victor, da Abigraf. Abaixo, diretor da Andipa, Ítalo Bezerra, entre membros do Comitê



para Papel no Estado de São Paulo – SIP. A apresentação de Cazati deu um panorama do “Cenário do Setor de Base Florestal”, que tem receita bruta de R\$ 116,6 bilhões, o que corresponde a 2,7% do Produto Interno Bruto (PIB). Segundo maior produtor mundial e maior exportador de celulose, o Brasil está entre os 10 maiores produtores de papel do mundo. Somente de papel para imprimir e escrever a estimativa de produção é de 2,5 milhões toneladas ao ano. Em sua apresentação, Cazati destacou ainda que o Brasil está entre os 6 maiores produtores mundiais de papel de embalagem e cartão, sendo a produção brasileira de mais de 7,4 milhões toneladas ao ano, com foco no mercado doméstico.

Dificuldades no abastecimento do mercado de alguns tipos de papel e os esforços para barrar um projeto de lei que desobriga a indústria farmacêutica do uso da bula impressa foram temas que estimularam as manifestações dos membros do Comitê. No encontro de outubro, o Copagrem reuniu 51 pessoas, sendo 18 pelo sistema remoto e 33 presenciais, na sede da Fiesp.

Andipa aponta divergência e Receita padroniza prazo de validade do Regpi

Após a segunda prorrogação do prazo de validade dos Registros Especiais de Controle de Papel Imune (Regpi), estabelecida pela Instrução Normativa RFB nº 2.085 (de 02 de junho de 2022), as publicações dos Atos Declaratórios Executivos (ADEs) apresentavam validades diferentes, ora de três anos, ora cinco anos, a depender da Delegacia da Receita Federal de competência. Identificando a divergência de entendimento, a Andipa retornou contato com a Coordenação-Geral de Fiscalização (COFIS), da Receita Federal do Brasil (RFB), solicitando a padronização. Em resposta à Andipa, o órgão informou que repassou “às Regiões Fiscais entendimento que padroniza o procedimento de concessão e renovação dos registros especiais após a publicação da Instrução Normativa RFB nº 2.085/2022”.

Em outra interpretação da IN 2085, algumas unidades da Receita Federal tinham paralisado os processos de renovação, justificando que a solicitação deveria se dar 60 (sessenta) dias antes do término do prazo de validade (07/2023). A Andipa informou que casos assim foram relatados nos estados de Minas Gerais e de Santa Catarina e, se mantidos, poderiam resultar no acúmulo de processos para serem analisados nos meses de junho e julho de 2023. Como o Regpi é documento essencial para as operações comerciais que abastecem o mercado editorial, a Andipa argumentou que o procedimento desigual provoca insegurança no setor de papel e causa transtorno para as empresas, inclusive para aquelas que atuam em diversos estados da Federação.

Ao tomar ciência das divergências, a COFIS repassou comunicado às unidades reforçando que os registros concedidos a partir de 24 de julho de 2018 até 23 de julho de 2022 têm validade “de 5 (cinco) anos, contados da data de publicação do Ato Declaratório Executivo (ADE) que formalizou a concessão”.

Confira a seguir a íntegra do posicionamento da Coordenação-Geral de Fiscalização, da Receita Federal do Brasil:

A interpretação literal do art. 10 da IN RFB nº 1.817, de 2018, é de que a renovação deve ser concedida pelo prazo de 3 (três) anos. Então, a rigor, após a IN RFB nº 2.085, de 2022, apenas a renovação passaria a ter o prazo de 5 (cinco) anos.

Art.10. A renovação do Regpi será concedida pelo prazo de 3 (três) anos, desde que a pessoa jurídica requerente cumpra os mesmos requisitos exigidos na concessão.

Contudo, a interpretação sistêmica da IN tornam equivalentes em todos os critérios a renovação e a concessão. O que significa dizer que, após a publicação da IN RFB nº 2.085, de 2022, tanto as renovações quanto as concessões publicadas entre o período de 24 de julho de 2018 a 23 de julho de 2022, em caráter excepcional, terão o prazo de validade de 5 anos.

Já as renovações e concessões publicadas a partir de 24 de julho de 2022 devem considerar o prazo de 3 (três) anos, pois a validade excepcional se esgotou.

Em relação ao prazo para o contribuinte requerer a renovação, o parágrafo único, do art. 10, da IN RFB nº 1.817, de 2018, faz menção a um prazo mínimo, o que não exclui a possibilidade de apresentação pelo contribuinte e de análise pelo Auditor-Fiscal responsável antes do prazo de 60 dias.

Em resumo, até 23/07/2022, os prazos de concessão e renovação passaram a ser, excepcionalmente, de 5 anos; a partir de 24/07/2022, os prazos de concessão e renovação são de 3 anos; a renovação pode ser requerida a qualquer momento, desde que no mínimo 60 dias antes do fim da validade.

Recopi avalia alteração e consulta Andipa

A equipe técnica do Recopi, na Secretaria da Fazenda de São Paulo (Sefaz-SP), contatou a Andipa para adiantar uma alteração pontual que deve implementar na relação de itens no Sistema. Devem ser removidos os códigos 4808.20.00 e 4808.30.00, e os lançamentos concentrados em um único código: o 4808.40.00.

Conforme explicaram os técnicos da Sefaz-SP, a mudança é motivada pela constatação de que os dois códigos não tiveram registros de operações nos últimos anos, conforme as movimentações verificadas na nota fiscal eletrônica, que apontaram apenas a NCM 4808.40.00, código que não estava relacionado no Sistema Recopi Nacional.

A posição 4808 corresponde a “papel e cartão ondulados (canelados, mesmo recobertos por cola-gem), encrespados, plissados, gofrados, estampados ou perfurados, em rolos ou em folhas, exceto o papel do tipo descrito no texto da posição 48.03”.

Conforme a classificação vigente, o código 4808.40.00 é específico para o papel kraft, encrespado ou plissado, mesmo gofrado, estampado ou perfurado.

Como este tipo de papel é incomum nas publicações editoriais, a Andipa avalia que a mudança não deve impactar os contribuintes. A informação prévia visa evitar problemas com registros de operações e estoques, como já ocorreu. Em 2019, a Andipa estreitou os lanços com a equipe técnica do Recopi exatamente no processo de atualização do Sistema Recopi, após alteração nos códigos de papel revestido com a inclusão de uma nomenclatura específica para rótulo.

Segundo a Sefaz, a alteração de agora será comunicada primeiramente aos estados e depois anunciada formalmente aos contribuintes, com trâmite e prazos.

A expressão “papel e biodiversidade” estampa um cartaz da Campanha Love Paper fixado em 5.000 bancas de jornais e revistas por todo o Brasil. Pelo terceiro ano consecutivo, Two Sides promove a ação em comemoração ao dia do jornaleiro. Neste ano, a iniciativa teve o apoio de ANER, ANJ, Panini e Plural.



4º seminário Internacional Power of Print

Com o tema 'Mídia Impressa: Eficácia e Sustentabilidade', o seminário Internacional Power of Print, reúne especialistas líderes do mercado de comunicação, que vão falar por que o impresso é indispensável no mix de mídia, com baixo impacto ambiental.

Como nas edições anteriores, a Andipa está entre as entidades que oferecem apoio institucional ao seminário. Online e gratuito, com emissão de certificado e tradução simultânea, o Power of Print de 2022 será realizado no dia 8 de dezembro, das 10h às 12h.

Aberto ao público interessado nos temas, o Power of Print é mais direcionado aos publicitários e profissionais de agências de propaganda e comunicação, profissionais de marketing e designers;

equipes de veículos de comunicação especializados, gráficas promocionais e ONGs, além de jornalistas e estudantes.

A programação deste ano conta com dois palestrantes internacionais. James Hewes (da Inglaterra), presidente da FIPP – a mais importante associação internacional de editores de revista, empresários de mídia e profissionais de criação – falará sobre a “eficácia da mídia impressa”. Apresentando o “case de sucesso em revista”, outro palestrante é Gustavo Bruno Presidente da Associação Argentina de Editores de Revistas e membro do conselho de administração da Federação Internacional de Imprensa Periódica da Argentina.

Representando o Brasil, a programação inclui palestras com a professora Jane de Freitas Mündel (case de sucesso em comunicação direta), com o jornalista Luís Fernando Bovo (case de sucesso em jornal) e com o Diretor Executivo do Indústria Brasileira de Árvores, José Carlos da Fonseca (ESG e mídia impressa, sinergias).

Em sua quarta edição, o seminário é realizado por Two Sides Brasil em parceria com ANER (Associação Nacional de Editores de Revistas), ANJ (Associação Nacional de Jornais), ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing) e o Jornal Propmark. Mais informações podem ser consultadas no site <https://twosides.org.br/power-of-print/> ou diretamente no link para as inscrições: <https://www.apseventos.com.br/pop/pt/>.

POWER OF PRINT
MÍDIA IMPRESSA: EFICÁCIA E SUSTENTABILIDADE

**WEBINAR GRATUITO
INSCREVA-SE**

8/12/22
QUINTA-FEIRA, 10h as 12h

POP
the Power of Print

Patrocínio
SUZANO

Realização
TWO SIDES

Correalização
ANER ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALISTAS ESPM PROP MARK

Apoio
ABEMO ABIGRAF NACIONAL abro Afeigraf ANDIPA APP fenapro IECO POPAI

Expectativa de recuperação

Destacando as dificuldades com insumos, o presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf) Nacional, Sidney Anversa Victor comentou os resultados da indústria gráfica neste ano e falou de boas perspectivas para os últimos quatro meses com o impacto das campanhas eleitorais. Com base nos dados até o segundo trimestre e na conjuntura, a previsão para a produção física da indústria gráfica foi revisada, de recuo de 2,4% no cálculo preliminar passou a apontar para redução de 1,6% neste ano. A expectativa é de aceleração do ritmo de recuperação tanto da produção como do faturamento da indústria, com boa participação do segmento promocional, alavancado pelos impressos para candidatos nos dois turnos das eleições.

Um levantamento realizado pela Abigraf, sobre o 'Impacto da Economia e das Eleições 2022 na Indústria de Impressão', revelou que 68,5% das empresas apresentaram crescimento no faturamento em comparação com o período do início da pandemia e 34,3% estavam imprimindo materiais de candidatos das eleições majoritárias de 2022. "Mesmo com as campanhas tendo diminuído muito de tamanho, as gráficas devem ter um aumento de 30% a 35% no faturamento e também na margem", avaliou o presidente da entidade.

Apesar da tendência de melhora dos indicadores setoriais, a Abigraf destaca o impacto futuro do resultado das eleições presidenciais na conjuntura e o "cenário internacional, que ainda é preocupante". Segundo Anversa, a pressão de custos preocupa e impacta as margens do setor gráfico e as gráficas têm problemas de abastecimento de insumos, que são importados e refletem a cotação do câmbio e o frete internacional. "Hoje, embalagens de papel e cartão têm destaque por questões ambientais, mas todo esforço se perde pela escassez ou com preços altos da matéria-prima, dando competitividade ao plástico", afirmou o presidente da Abigraf.

De acordo com a entidade, o nível de emprego da indústria gráfica voltou a subir no segundo trimestre de 2022, sendo criadas 1.836 novas vagas no período. O resultado é significativamente melhor do que o observado no mesmo período do ano passado, quando houve o fechamento de 116 vagas e, principalmente, em comparação com o segundo trimestre de 2020 que devido à pandemia de covid-19 fechou 13.552 postos de trabalho. Ao todo, o setor empre-

ga 155 mil trabalhadores diretos nas cerca de 15 mil gráficas em todo o país, sendo 98% delas empresas de micro e pequeno porte.

Apesar da estimativa do número de empresas gráficas, a Abigraf diz que a pandemia de Covid-19 agravou o quadro já delicado de parte desta indústria. Para mapear, o universo gráfico e identificar o atual perfil e as necessidades das empresas, de todos os portes e em todos os cantos do país, está sendo realizado o Censo da Indústria Gráfica. O levantamento envolve outras entidades e deve estar concluído até meados de 2023, conforme informou o presidente da Abigraf. Ainda em 2022 deve ser lançado o Anuário Brasileiro da Indústria Gráfica, que além de dados vai mostrar o histórico do setor.

Conforme Sidney Anversa, uma demanda da Abigraf após as eleições será recompor uma frente parlamentar que defenda os interesses da indústria gráfica no Congresso Nacional, em especial nas discussões de matérias como a reforma tributária. Para isso, poderá recorrer a nomes como o senador eleito por São Paulo, o astronauta e ex-ministro, Marcos Pontes, que foi o palestrante no evento de reinauguração da sede da Abigraf e Sindigraf-SP, realizado no final de julho, em São Paulo. O espaço foi revitalizado para receber e atender os empresários e profissionais da indústria gráfica brasileira e abriga também a recém-criada Divisão de Inovação e Tecnologia Gráfica, denominada Abitec. Assumindo as funções da extinta ABTG, a Abitec tem como missão promover a inovação, o suporte técnico e a capacitação setorial, através da oferta de produtos e serviços de elevada qualidade à cadeia produtiva da indústria gráfica e da comunicação impressa.

A agenda deste ano da Abigraf inclui ainda a realização do 30º Prêmio Fernando Pini de Excelência Gráfica, com cerimônia de premiação no dia 29 de novembro. Em 29 anos de existência, foram mais de 25 mil trabalhos inscritos nos eventos e apurados pela comissão técnica. Com mais de 60 categorias, divididas em 13 segmentos, o prêmio abrange empresas que produziram os mais variados tipos de produtos impressos dentro do território nacional, no período de 15 de setembro de 2019 até 31 de julho de 2022. Podem participar também designers, publicitários, diretores de arte, estudantes e instituições de ensino que tenham projetos e trabalhem diretamente com o setor gráfico.

Exportação de papel couchê é maior do que importação

Crescendo desde 2020, a exportação de papel couchê tem mantido a trajetória ascendente. Em 2022, o volume embarcado em nove meses ultrapassa o total apurado nos doze meses de 2021. Foram exportadas 53,9 mil toneladas nos três trimestres deste ano, contra 52,8 mil toneladas em todo o ano passado, das quais 36,8 mil toneladas saíram até setembro. Os dados de exportação foram coletados no Comex Stat, portal que dá acesso às estatísticas da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), utilizando os mesmos parâmetros do acompanhamento das importações, publicado em cada edição do NewsPaper com os registros nas quatro classificações NCMs (Nomenclaturas Comum do Mercosul), que correspondem ao papel couchê, conforme formato (folhas ou rolos) e gramatura (alta ou baixa).

Em ritmo bem mais lento, as importações seguem recuperando volumes, mas devem fechar 2022 bem distantes das 91 mil toneladas apuradas em 2019. Em 2020 foram internalizadas apenas 37,2 mil toneladas, sendo 16,2 mil toneladas só no 1º tri-

mestre e 29,6 mil toneladas até setembro. A retração persistiu durante o ano passado e as importações de couchê somaram 30,2 mil toneladas. De acordo com os lançamentos do portal da Secex, as entradas de couchê nos nove meses de 2022 atingiram 33,8 mil toneladas, um aumento de 45% em relação às 23,2 mil toneladas do mesmo período de 2021. Os dados deste ano mostram ainda que os volumes cresceram a cada trimestre – 8,7 mil toneladas (1º tri); 10,5 mil toneladas (2º tri) e 14,7 mil toneladas (3º tri).

Com as exportações em alta, a balança comercial do papel couchê se inverteu e o Brasil passou de grande importador a exportador. Em 2020, a entrada destes papéis ainda foi maior que as saídas, por uma diferença de 6,5 mil toneladas. No ano passado, o saldo foi de 22,6 mil toneladas a mais para as exportações. O superávit deve se repetir em 2022, uma vez que no acumulado até setembro as vendas externas superam em 20,1 mil toneladas as entradas de couchê estrangeiro no País.

Histórico

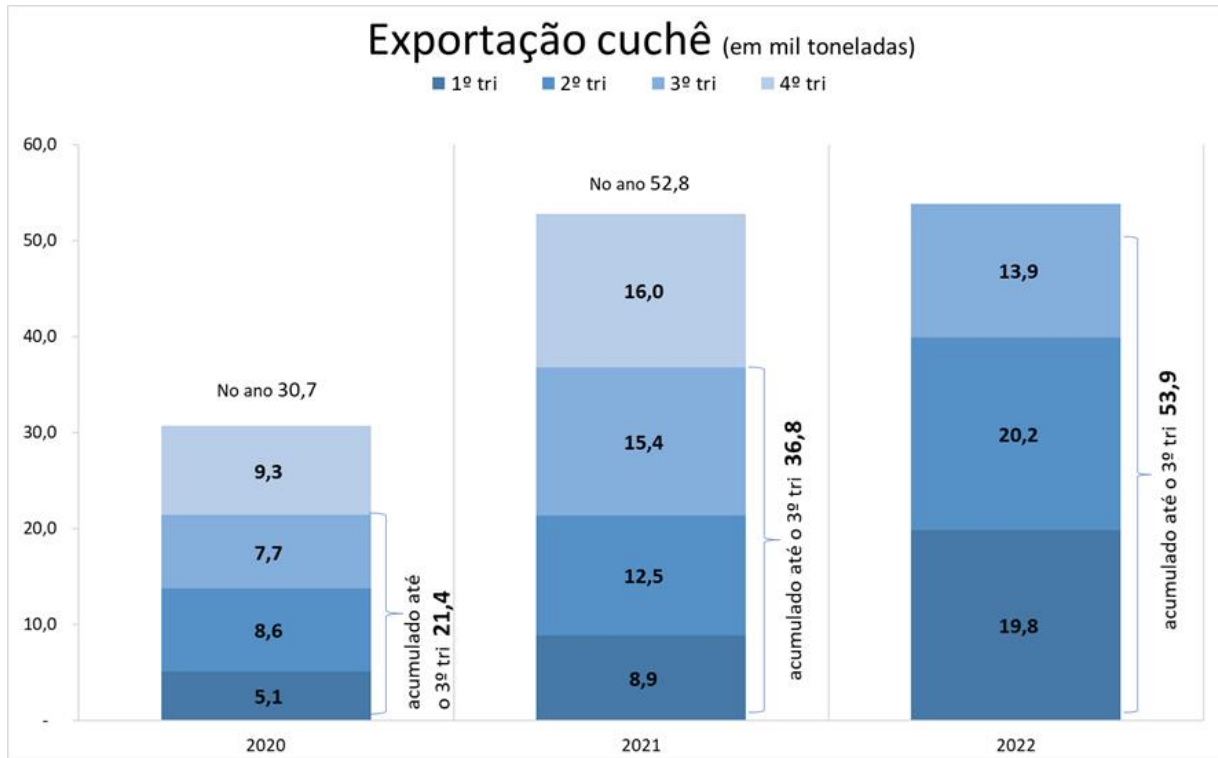
Em 2019, as exportações de papéis do tipo couchê, considerando as classificações da época, totalizaram 24,5 mil toneladas, conforme os dados oficiais e disponíveis para consulta pública. Para 2018, o registro de vendas externas aponta 28,2 mil toneladas de couchês. Como regularmente noticiado no informativo da Andipa, as importações de couchês já vinham em queda. Em 2018 foram internalizadas 92 mil toneladas, equivalente a redução de 30% sobre as 132 mil toneladas do ano anterior, que já tinham sido inferiores às 142 mil toneladas importadas em 2016.

Vale ressaltar que a classificação dos papéis couchês foi modificada em 2020, quando foram

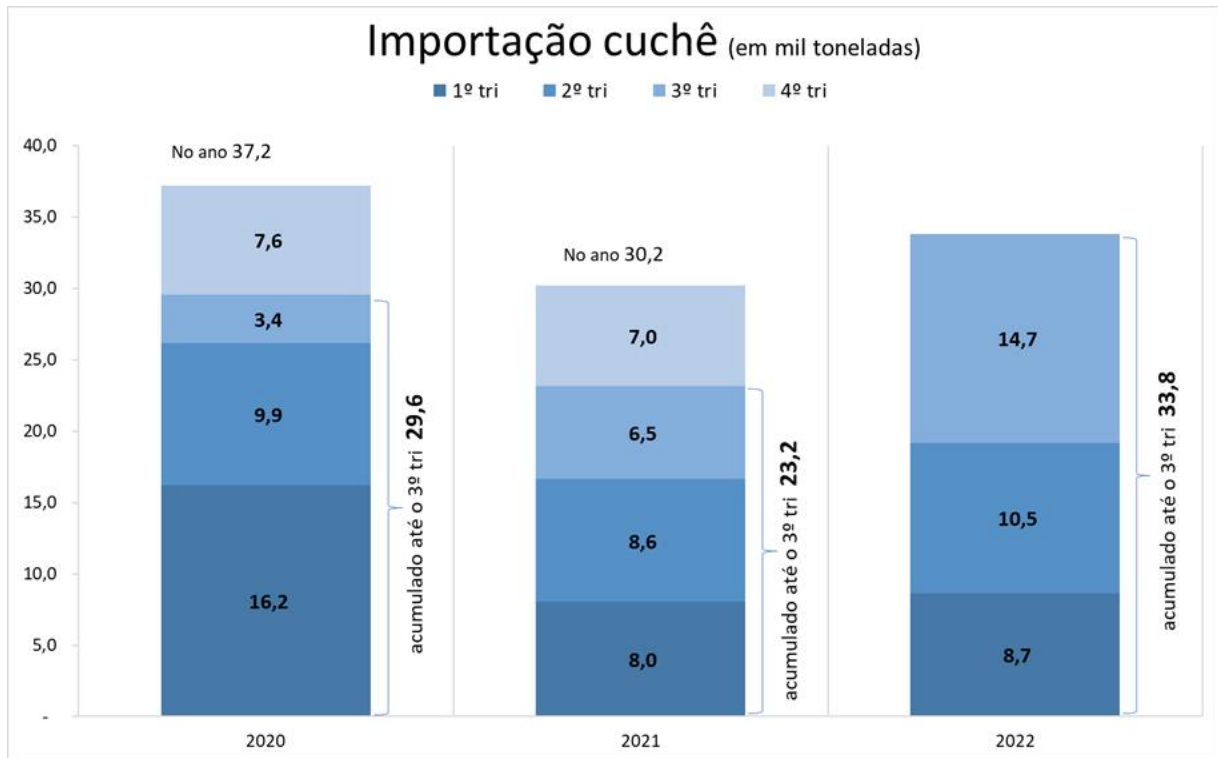
alteradas duas nomenclaturas e implantadas outras duas específicas para papéis para rótulos (papel revestido ou recoberto em uma face, do tipo *wet strength*, resistente à umidade e ao meio alcalino), conforme a Resolução Camex nº 4, de 24 de outubro de 2019. Na prática, foram substituídas as NCMs 4810.13.90 e 4810.19.90 e os papéis para rótulo passaram a ser classificados nas NCMs 4810.13.91 e 4810.19.91. Com isso, hoje o grupo de couchê considera os registros nas NCMs 4810.13.89, 4810.13.99, 4810.19.89 e 4810.19.99, que distinguem os papéis de alta e baixa gramaturas, em bobinas e em folhas. As mudanças não interferem na avaliação dos dados das exportações, pois as entradas dos tipos de papéis para rótulos ficaram abaixo de mil toneladas nos últimos anos, conforme os dados coletados no Portal Comex.

■ ■ ■ Continua nas páginas 10 e 11

■ ■ ■ Exportação de papel couchê é maior do que importação



Fonte: Comex Stat / Secex Elaboração: ANDIPA
 * NCMs 4810.13.89, 4810.13.99, 4810.19.89 e 4810.19.99.



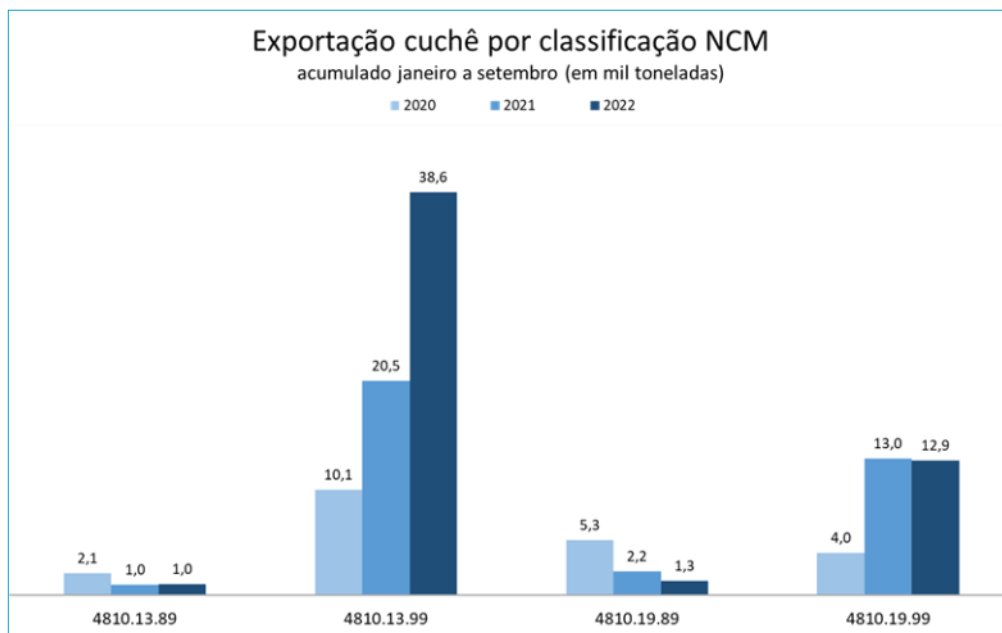
Fonte: Comex Stat / Secex Elaboração: ANDIPA
 * NCMs 4810.13.89, 4810.13.99, 4810.19.89 e 4810.19.99.



Continua na página 11

Baixa gramatura em bobina

Desmembrando as saídas de papel cuchê por tipo e destino, o destaque é a NCM 4810.13.99 (outros papéis e cartões para escrita, etc, fibra <= 10%, em rolos), que corresponde à baixa gramatura em bobina. Em 2020, a Argentina foi o principal destino do papel exportado, seguida pelo México e pela Colômbia que ampliaram as compras nos anos seguintes. Chile e Índia também aparecem como destinos dos maiores volumes do papel brasileiro. A lista de compradores tem mais de uma dezena de países, incluindo outros da América do Sul, os Estados Unidos e o Reino Unido.



Fonte: Comex Stat / Secex Elaboração: ANDIPA

A Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) é baseada no Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias, um método internacional de classificação de mercadorias, baseado em uma estrutura de códigos e respectivas descrições, utilizada na Tabela de Incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados (TIPI).

O [Capítulo 48](#) tem a seguinte descrição: [Papel e cartão; obras de pasta de celulose, papel ou de cartão.](#)

O quadro abaixo engloba a maior parte dos papéis gráficos importados e comercializados pelos distribuidores.

Código NCM	Descrição
48.10	Papel e cartão revestidos de caulim (caulino) ou de outras substâncias inorgânicas numa ou nas duas faces, mesmo com aglutinantes, sem qualquer outro revestimento, mesmo coloridos à superfície, decorados à superfície ou impressos, em rolos ou em folhas de forma quadrada ou retangular, de qualquer dimensão.
4810.1	- Papel e cartão do tipo utilizado para escrita, impressão ou outras finalidades gráficas, sem fibras obtidas por processo mecânico ou químico-mecânico ou em que a percentagem destas fibras não seja superior a 10 %, em peso, do conteúdo total de fibras:
4810.13	-- Em rolos
4810.13.8	Outros, de peso superior a 150 g/m ²
4810.13.89	Outros
4810.13.9	Outros
4810.13.91	Papel revestido ou recoberto em uma face, do tipo <i>wet strength</i> , resistente à umidade e ao meio alcalino
4810.13.99	Outros
4810.19	-- Outros
4810.19.8	Outros, de peso superior a 150 g/m ²
4810.19.89	Outros
4810.19.9	Outros
4810.19.91	Papel revestido ou recoberto em uma face, do tipo <i>wet strength</i> , resistente à umidade e ao meio alcalino
4810.19.99	Outros
4810.2	- Papel e cartão do tipo utilizado para escrita, impressão ou outras finalidades gráficas, em que mais de 10 %, em peso, do conteúdo total de fibras seja constituído por fibras obtidas por processo mecânico ou químico-mecânico:
4810.22	-- Papel cuchê leve (L.W.C. - <i>light weight coated</i>)
4810.22.10	Em tiras ou rolos de largura não superior a 15 cm ou em folhas em que nenhum lado exceda 360 mm, quando não dobradas
4810.22.90	Outros
4810.29	-- Outros
4810.29.90	Outros
4810.9	- Outro papel e cartão:
4810.92	-- De camadas múltiplas
4810.92.90	Outros

Fonte: <https://www.gov.br/receitafederal/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/documentos-e-arquivos/tipi.pdf>

Venda externa cresce em outros papéis

Na consulta refinada por código NCM (Nomenclatura Comum do Mercosul), as exportações em 2022 aumentaram em relação ao ano anterior em quatro dos sete principais tipos de papéis comercializados pelos canais de distribuição e acompanhados regularmente pela Andipa. Além do *cut size* (detalhado no texto anterior), os papéis ofsete, MWC, LWC e jornal tiveram aumento nas vendas externas, enquanto diminuíram as exportações dos tipos *cut size* e papel cartão.

De acordo com os registros oficiais do Siscomex, de janeiro a setembro deste ano foram exportadas 188,9 mil toneladas de papéis do grupo de ofsete (NCMs 4802.55.92, 4802.55.99 e 4802.57.99, dentre eles, predominam as saídas na NCM 4802.55.92. Em igual período de 2021, as exportações nas mesmas classificações somaram 150,6 mil toneladas, montante 34% menor do que as 228,7 mil toneladas computadas nos três trimestres de 2020.

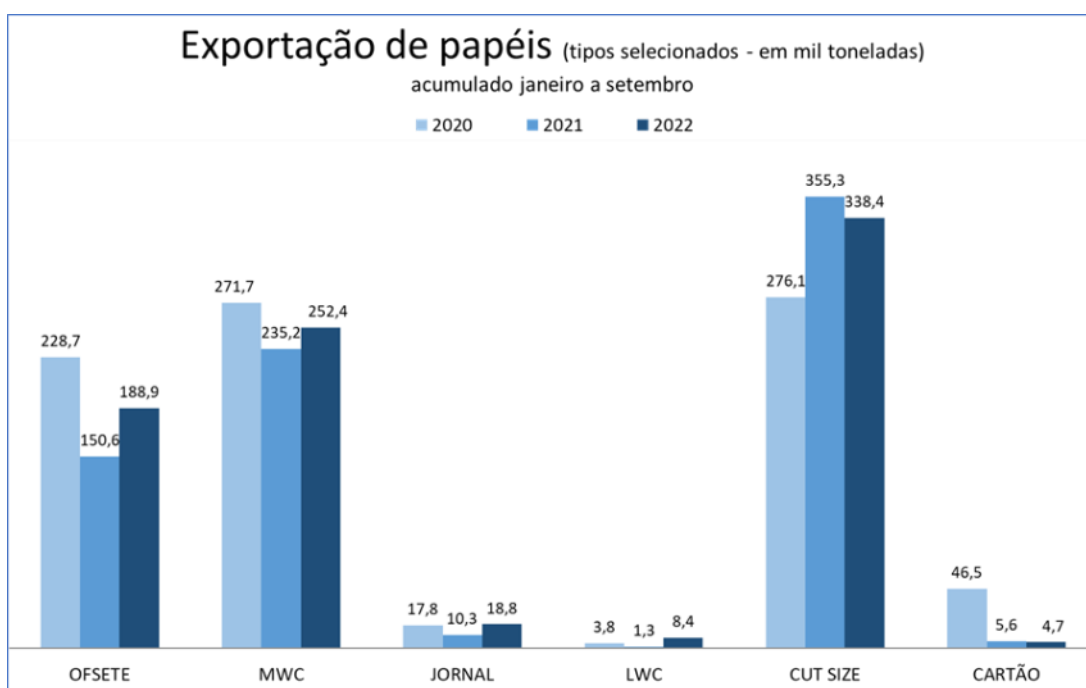
Queda seguida de recuperação foi o comportamento verificado também nas vendas externas do MWC (NCM 4810.29.90) no comparativo dos três últimos anos. Considerando o período de janeiro a setembro, embarcaram para o exterior 271,7 mil toneladas em 2020, 235,2 mil toneladas em 2021 e 252,4 mil toneladas neste ano.

Com volumes bem menores, os tipos jornal e LWC também registraram crescimento em 2022 após retração em 2021. As exportações de papel jornal na NCM 4801.00.30 voltaram ao patamar de 2019 e somaram 18,8 mil toneladas nos três trimestres deste ano. Conforme a Secex, no mesmo período do ano passado foram 10,3 mil toneladas de papel jornal, ante as 17,8

mil toneladas embarcadas para outros países em 2021. No LWC, os volumes caíram de 3,8 mil toneladas em 2020 para 1,3 mil toneladas no ano seguinte e neste ano somaram 8,4 mil toneladas, considerando sempre o período de janeiro a setembro.

O papel cortado, chamado *cut size*, é um dos destaques no comércio exterior da categoria de imprimir e escrever, classificado na NCM 4802.5610. Em nove meses de 2019 os produtores brasileiros exportaram 390 mil toneladas de *cut size*, volume que caiu para 276,1 mil toneladas no ano seguinte. Conforme a Secex, foram exportadas 338,3 mil toneladas de *cut size* nos três trimestres deste ano, o que corresponde a queda de 4,7% sobre as 355,2 mil toneladas do mesmo período de 2021.

No item cartão, classificação NCM 4810.92.90, as exportações caíram drasticamente a partir de 2021, indicando que a produção foi redirecionada para o mercado interno. De acordo com o portal de estatísticas, as vendas externas de cartão totalizaram 40,7 mil toneladas no período de janeiro a setembro de 2019. Um ano depois, foram registradas 46,5 mil toneladas para o mesmo período. Já em 2021, até o terceiro trimestre, as saídas deste tipo de papel somaram 5,6 mil toneladas. Na parcial deste ano, foram computadas 4,7 mil toneladas de papel cartão.



Fonte: Comex Stat / Secex

Elaboração: ANDIPA

** Cartão NCM 4810.92.90.

Importação: mais MWC, menos papel cartão

Considerando os desembarques de papéis entre os meses de janeiro e setembro, os tipos MWC e cuchê registraram crescimentos acima de 40% em relação aos volumes apurados no mesmo período de 2021. Os dois produtos integram a cesta de sete itens que estão entre os tipos de papéis mais vendidos pelos distribuidores. Por outro lado, nos outros cinco tipos de papéis – cartão, cut size, jornal, LWC e ofsete – as importações deste ano foram menores em relação a 2021. Os detalhes constam no Portal Comex Stat, sistema para consultas e extração de dados do comércio exterior brasileiro do Siscomex e são coletados pela classificação de mercadorias pela Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM).

Dentre os tipos pesquisados, o papel MWC (NCM 4810.29.90) é destaque com maior volume importado neste ano, com 67,4 mil toneladas até setembro. Só no terceiro trimestre, a Secex registrou a importação de 33,8 mil toneladas de MWC, 76% acima das 19,2 mil toneladas anotadas no trimestre anterior e 235% superior às 10,1 mil toneladas recebidas no mesmo período de 2021. Com o desempenho do terceiro trimestre, a parcial até setembro deste ano chegou mais perto do patamar de 68 mil toneladas de MWC atingido em 2017 e em 2018.

No cuchê, foram internalizadas 33,8 mil toneladas de janeiro a setembro deste ano, contra 23,2 mil toneladas em igual período do ano passado. O mês de julho registrou recorde dos últimos três anos na importação de papéis cuchês, com 7 mil toneladas, o maior volume desde setembro de 2019, quando foram recebidas 7,6 mil toneladas. Com a entrada de mais 4,1 mil toneladas em agosto e 3,6 mil toneladas em setembro, no terceiro trimestre deste ano desembarcaram no Brasil 14,7 mil toneladas de cuchê. Com isso, o período teve o volume mais próximo das 16,2 mil toneladas recebidas no primeiro trimestre de 2020, ainda antes do impacto da pandemia de Covid-19. (veja mais detalhes na matéria “Exportação supera importação de papel cuchê”, da página 09).

Conforme os dados oficiais, entre janeiro e setembro de 2022, foram importadas 38,7 mil toneladas de papel cartão (NCM 4810.92.90) que corresponde a redução de 13% sobre as 44,6 mil toneladas computadas em igual período de 2021. No entanto, as entradas representam aumento de 31,6% em relação às 29,4 mil toneladas dos mesmos nove meses de 2020. No desempenho trimestral, as 16,6 mil toneladas importadas nos meses de julho a setembro, correspondem a 43% do total de papel cartão deste ano.

No segmento de jornal (NCMs 4801.00.30 e 4801.00.90), os desembarques de 2022 somam 16,2 mil toneladas, até setembro. Com este montante, a importação de papel jornal em 2022 diminuiu em comparação com o mesmo período dos dois últimos anos – queda de 13,8% sobre as 18,8 mil toneladas de 2021 e de 37,9% sobre as 26,1 mil toneladas da parcial de 2020.

As importações dos papéis cortados (*cut size*), enquadrados nas NCMs 4802.56.10 e 4802.56.99, também continuaram em baixa. De acordo com os dados coletados, neste ano entraram no País 3,6 mil toneladas de *cut size*, redução de 43,8% sobre as 6,4 mil toneladas dos nove meses de 2021. No ano anterior, o acumulado da importação de papel cortado somava 10,2 mil toneladas até setembro.

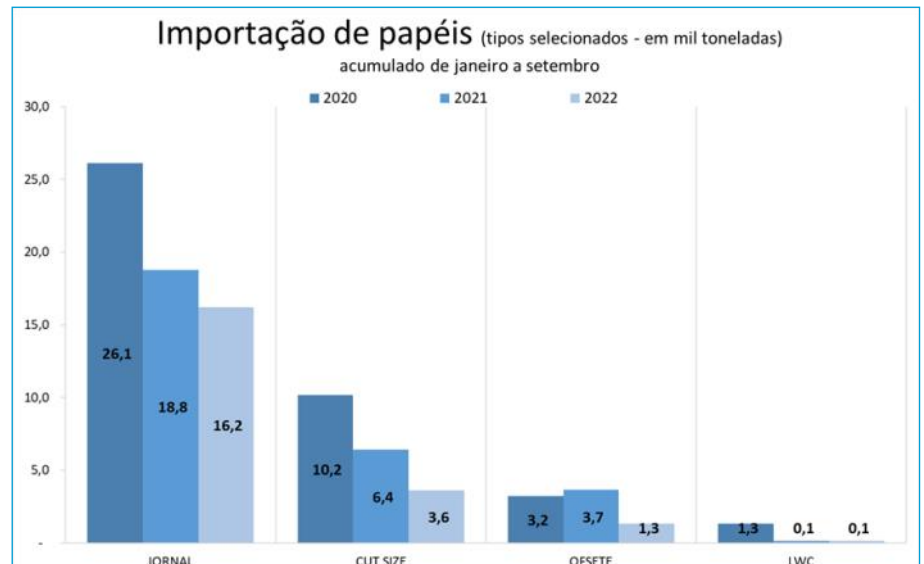
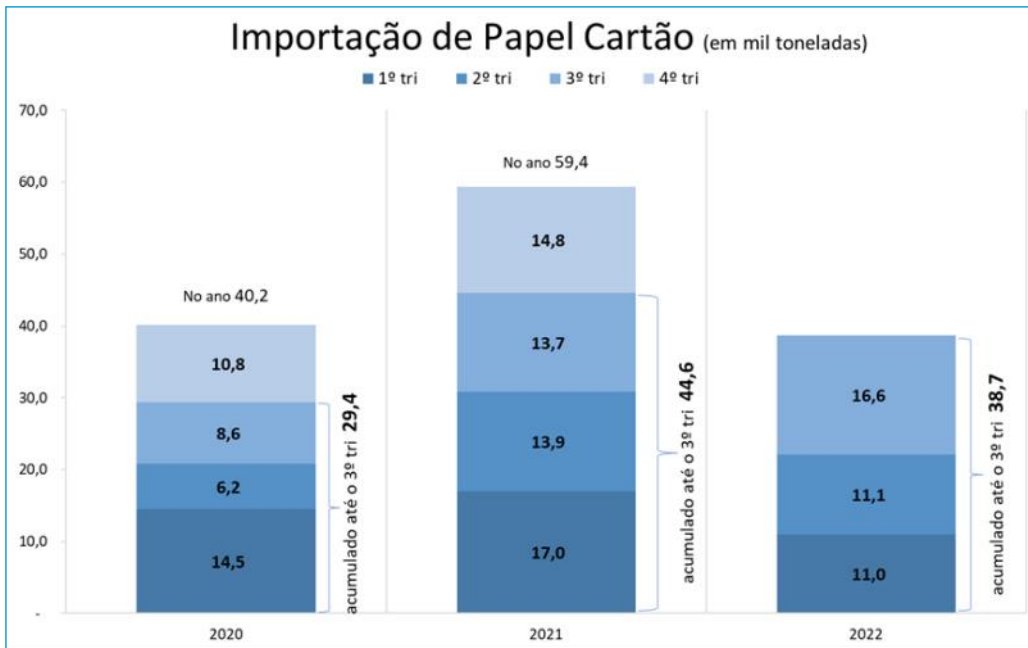
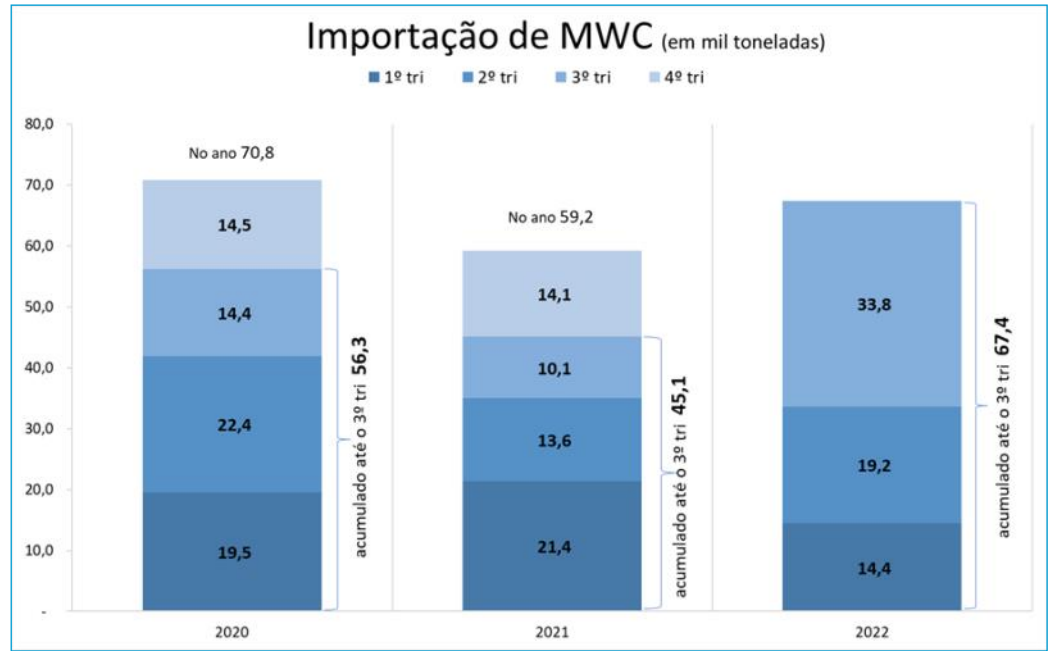
No grupo dos papéis ofsete, o portal Comex Stat registrou 1,3 mil toneladas nas NCMs 4802.55.99 e 4802.57.99 entre os meses de janeiro e setembro deste ano, menos da metade das 3,7 mil toneladas apuradas em igual período de 2021.

Estagnadas, as importações de LWC (NCM 4810.22.90) não ultrapassaram a casa de 150 toneladas de LWC nos dois últimos anos. Em todo o ano de 2020, foram recebidas apenas 1,3 mil toneladas de LWC estrangeiro, redução de 86% sobre as 9,2 mil toneladas anotadas em 2019.

Continua com gráfico na página 14

ESTATÍSTICAS

■ ■ ■ Importação:
mais MWC, menos
papel cartão



Fonte gráficos:
Comex Stat / MDIC Elaboração: ANDIPA
** Cartão - NCM 4810.92.90.

Oferta de papéis estável no mercado de imprimir e escrever

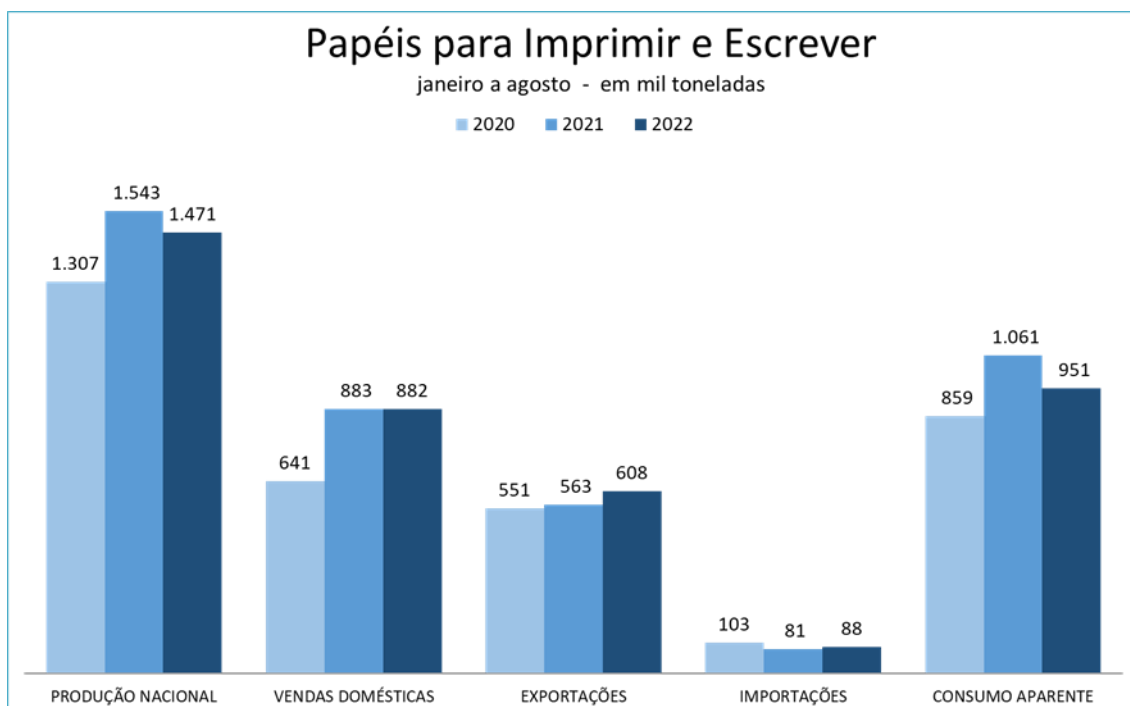
Considerando os dados de janeiro até agosto, neste ano, a venda doméstica de papéis de imprimir e escrever (I&E) segue o patamar do mesmo período de 2021. Apesar do aumento de 8% nas exportações, o que equivale ao embarque de 45 mil toneladas a mais, em 2022 a indústria nacional reduziu em 4,7% a produção destes papéis, que somaram 1,47 milhão de toneladas. Os dados são da edição 42 do Boletim Dados Papel, Estatísticas da Indústria Brasileira de Árvores, que mostra o desempenho do mercado de papéis nos oito primeiros meses deste ano em relação ao período equivalente do ano passado.

A participação do importado no mercado de I&E teve alta de 8,6% no período, saltando de 81 mil toneladas para 88 mil toneladas. Se comparado aos números de 2020, no mesmo intervalo de tempo, a entrada destes papéis recuou 15%. Naquele ano, todos os segmentos econômicos foram fortemente impactados pelas restrições impostas pela pandemia de Covid-19 e seus reflexos no abastecimento e no consumo. Conforme as estatísticas da indústria, no período de janeiro a agosto de 2020 foram

produzidas 1,31 milhão de toneladas, das quais 641 mil toneladas foram para venda doméstica e 551 mil toneladas foram destinadas à exportação, enquanto as importações somaram 103 mil toneladas.

Diante dos volumes apurados até agosto, pode-se verificar que o consumo aparente de papéis para impressão e escrita recuou neste ano, depois de crescer em 2021. O cálculo deixa de lado a venda interna e considera a soma da produção com a importação, descontada a exportação. Desta forma, olhando sempre para o período entre janeiro e agosto, o consumo aparente de I&E em 2020 somou 859 mil toneladas, saltou para 1,06 milhão de toneladas, em 2021, e recuou para 951 mil toneladas neste ano.

A publicação reúne dados referentes à produção, vendas domésticas, exportação e importação, divididos em seis categorias: Embalagem; Imprimir e Escrever (I&E); Imprensa (jornal), Sanitários, Cartões e Outros. Na edição 42 foram divulgados os números de agosto e o acumulado deste ano e o comparativo com 2021.



Fonte: Dados Papel - IBÁ - edições 30 e 42

Elaboração: ANDIPA

Produção geral cresce puxada por embalagens

O segmento de embalagens responde por mais da metade da produção total de papéis no Brasil. Adicionando mais de 300 mil toneladas no período de oito meses, a produção do grupo embalagem cresceu 8,3%, totalizando 4,08 milhões de toneladas em 2022. Com isso, puxou a produção geral de papéis que somou 7,34 milhões de toneladas, superando em 3,5% o volume dos mesmos meses de 2021. O desempenho de embalagens compensou a redução de 4,7% em Imprimir e Escrever e de 8,2% no Cartão, conforme a edição 42 do boletim estatístico da Indústria Brasileira de Árvores.

A venda doméstica somou 3,66 milhões de toneladas, 0,1% a mais na comparação com o ano anterior. Da produção geral, 1,78 milhão de toneladas seguiram para exportação. Com a importação de 340 mil toneladas de papéis para todos os fins, entre janeiro e agosto deste ano o consumo aparente ficou em 5,90 milhões de toneladas, volume 5% menor que as 6,21 milhões de toneladas apuradas nos oito meses de 2021.

Nos tipos de papéis para embalagens, a produção a mais foi escoada para o mercado externo, que aumentou 125,3% no comparativo anual. Conforme o boletim estatístico, até agosto deste ano, a exportação brasileira somou 784 mil toneladas de papéis para embalagens, ante as 348 mil toneladas de 2021, superando também as 482 mil toneladas de 2020, sempre em igual período.

Nas embalagens, a participação das importações é pequena. Nos oito primeiros meses, os desembarques no segmento foram de apenas 30 mil toneladas neste ano, volume que corresponde a quase um terço das 87 mil toneladas internalizadas em

2021 e a metade das 60 mil toneladas de 2020. Já a venda doméstica de papéis para embalagens que cresceu 2% nos oito meses de 2021, neste ano voltou ao montante de 1,18 milhão de toneladas do mesmo período de 2020.

Pelos números apurados, conforme fórmula de cálculo, o consumo aparente de papel para embalagem dos oito meses que era 3,26 milhões de toneladas em 2020, chegou a 3,50 milhões de toneladas em 2021 e recuou a 3,33 milhões de toneladas neste ano.

No subgrupo cartão, a comparação dos dois períodos aponta reduções na produção (-8,2%), na venda doméstica (-1,4%) e nas exportações (-33,6%). Nas importações, os volumes de cartão aumentaram 14,9% neste ano, de acordo com a estatística da Indústria Brasileira de Árvores. Neste ano, o consumo aparente de cartão ficou no mesmo nível de 2021.

Entre os papéis sanitários e os classificados como outros, os dados de 2022 mostram alta em relação ao ano passado tanto na produção, quanto nas vendas interna e externa.

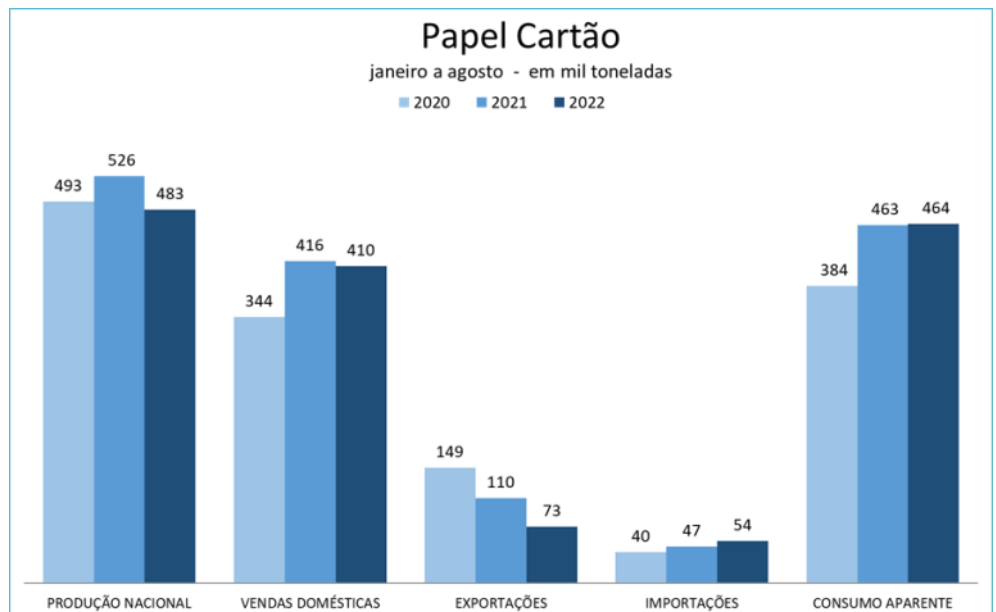
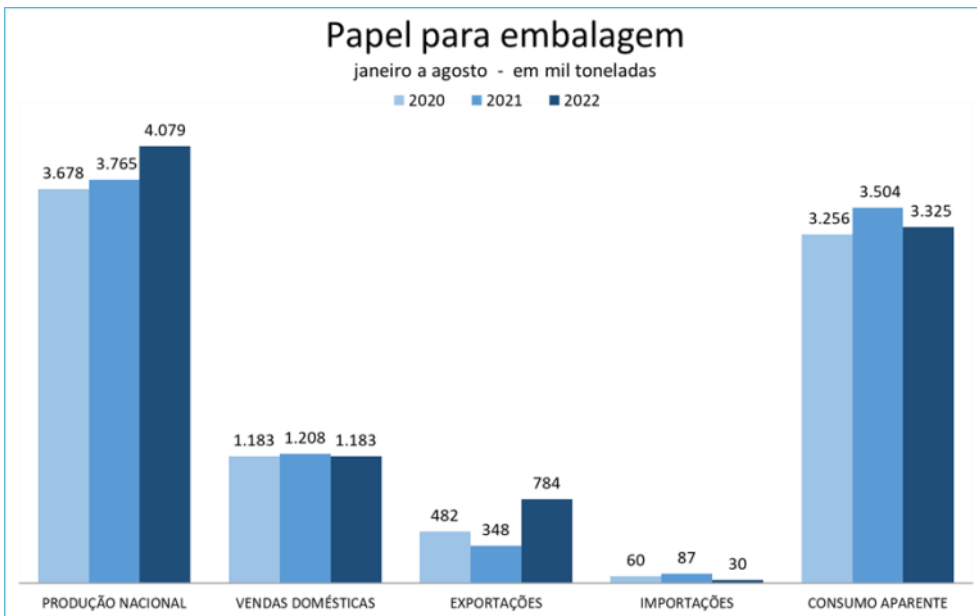
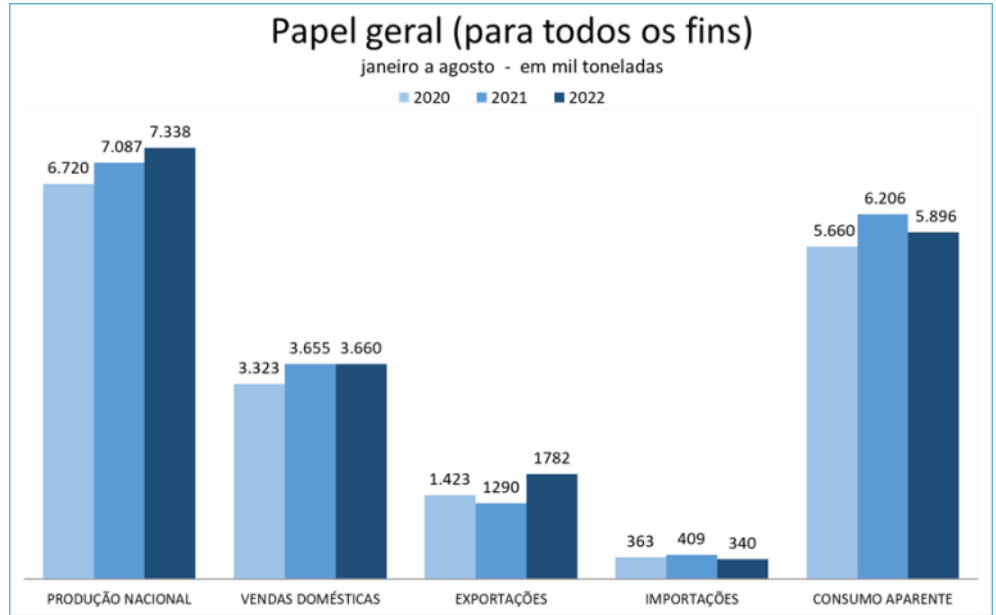
Com menor participação no mercado geral de papéis, o tipo imprensa (jornal) registrou aumento de 18,2% na produção e redução de 5,4% na venda doméstica, no período de análise. No comércio internacional de jornal, na comparação do saldo até agosto, a exportação cresceu 70% – de 10 mil toneladas, em 2021, para 17 mil toneladas, neste ano – e a importação se manteve em 14 mil toneladas na parcial dos dois anos.

■ ■ ■

[Continua com gráfico na página 17](#)

ESTATÍSTICAS

■ ■ ■ Produção geral cresce puxada por embalagens



Fonte gráficos:
 Dados Papel - IBÁ - edições 30 e 42
 Elaboração: ANDIPA

Papel e carbono:

o setor de papel, celulose e impressão é um dos menores emissores industriais de gases do efeito estufa

O MITO: a produção de papel é uma das principais causas das emissões globais de gases de efeito estufa

O FATO: a maior parte da energia usada na produção de papel é renovável e o consumo de carbono fóssil pelo setor é surpreendentemente baixo

A indústria de celulose e papel fabrica produtos cuja principal matéria-prima é de origem biológica – a madeira, um material renovável, e fibras recicladas.

O setor de papel, celulose e impressão é um dos menores emissores industriais de gases do efeito estufa. Na Europa, por exemplo, o setor responde por apenas 0,8% das emissões.¹

As indústrias brasileiras de base florestal, que incluem o setor de celulose e papel, são grandes produtoras e usuárias de energia renovável. Da energia consumida, 77% é produzida pelo próprio setor e 89% vem de fontes renováveis – 16% de biomassa florestal e 73% do reaproveitamento como combustível de componentes do licor preto.²

Licor preto é um subproduto resultante do processo de extração da celulose. Contém resíduos da madeira (lignina) e produtos químicos. A queima desse composto, que é renovável, gera energia e permite recuperar químicos que são reutilizados no processo de extração da celulose.

Fontes:

1. European Environment Agency, Annual European Union Greenhouse Gas Inventory 1990-2018, 2020.

2. Relatório Anual Ibá, FGV 2021

Portanto, a matriz energética do setor é formada principalmente de energia renovável. As fábricas mais modernas, que integram a extração de celulose com a geração de bioenergia, chegam a produzir excedentes de energia que são disponibilizados para a rede pública.

“Nos últimos seis anos, a produção de energia renovável da indústria de árvores plantadas avançou 25% e a sua venda, 39%, o que faz da biomassa um importante agente de segurança energética do país, contribuindo para uma matriz energética renovável.” (Relatório Anual, Ibá/FGV, 2021)

De 2019 para 2020, o setor reduziu seu consumo de energia em 8,7%, com aumento da eficiência energética e sem prejuízo dos volumes de produção. Houve também redução de 28,6% na compra de energia.²

“A indústria de impressão e papel é uma das menores emissoras de gases do efeito estufa. Na Europa, por exemplo, o setor responde por apenas 0,8% das emissões. Isso é baixo em relação às indústrias de produtos minerais não metálicos (5,6%) e indústrias de metais básicos (4,8%).” (European Environment Agency, Annual European Union Greenhouse Gas Inventory 1990-2018, 2020.)

Ao usar papel de árvores cultivadas de forma sustentável e sempre reciclar, o consumidor não precisa se sentir culpado pelo uso desse produto renovável, reciclável e biodegradável. O consumo deve ser responsável, sem desperdícios.

Equipe Two Sides Brasil

Two Sides é uma organização global, sem fins lucrativos, criada na Europa em 2008 por membros das indústrias de base florestal, celulose, papel, cartão e comunicação impressa. Two Sides estimula a produção e o uso conscientes do papel, da impressão e das embalagens de papel, bem como esclarece equívocos comuns sobre os impactos ambientais da utilização desses recursos. Papel, cartão e papelão são provenientes de florestas cultivadas e gerenciadas de forma sustentável. Além disso, são recicláveis e biodegradáveis.

Two Sides Brasil: www.twosides.org.br | twosides@twosides.org.br | @twosidesbrasil nas redes sociais.

Love Paper Brasil: www.lovepaper.org.br | @lovepaperbrasil nas redes sociais.

Two Sides América Latina: www.al.twosides.info | al@twosides.info | @twosidesal nas redes sociais.

Love Paper América Latina: www.al.lovepaper.org | @lovepaperal no Instagram.

Informações por WhatsApp: +55 11 994 642 969